

## “Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais<sup>1</sup>

### Resumo

A partir de pesquisa na zona rural do norte de Minas Gerais, este artigo examina a conexão entre a territorialização imposta pela modernização no sertão e as condições de envelhecimento de seus habitantes, na intenção de analisar criticamente a descartabilidade da pessoa idosa no mundo contemporâneo. Baseando-se em pesquisas de campo, entrevistas e análise bibliográfica entremeadas pela leitura de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, discute-se como se dá o envelhecimento em territórios marginalizados pelo movimento econômico, resgatando pela memória dos entrevistados a historicidade sertaneja e suas sociabilidades como forma de resistência, colapso ou adaptação à homogeneização econômica. Como resultado, foram apresentados modos particulares de existência e de percepção do sertão, induzindo à urgência de outro tratamento à pessoa idosa, integrando-a aos debates e projetos que vislumbram uma sociedade mais generosa com os seus velhos.

**Palavras-chave:** sertão; territorialização; modernização; envelhecimento; gênero.

**Suelen Rosa Pelissaro**  
Doutora em Geografia pela  
Universidade de São Paulo - USP.  
Professora da Instituto Federal  
de São Paulo - IFSP.  
Brasil  
suelen.pelissaro@alumni.usp.br  
[lattes.cnpq.br/0819175728078409](https://lattes.cnpq.br/0819175728078409)  
[orcid.org/0000-0003-2867-9556](https://orcid.org/0000-0003-2867-9556)

### Para citar este artigo:

PELLISSARO, Suelen Rosa. “Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais. *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0105, 2023.

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0105>

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte da Tese do Doutorado intitulada “O sertão na transversal do tempo: a territorialização na Serra do Cabral”, defendida em 2021 pela Universidade de São Paulo - USP, de autoria da autora deste artigo.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

## “Old sertão of ages”: perceptions about the aging of the sertaneja population in Serra do Cabral, Minas Gerais

### **Abstract**

From research in the rural area of northern Minas Gerais, this essay examines the connection between the territorialization imposed by modernisation in sertão and the aging conditions of its inhabitants, in order to critically analyze the discardability of the old person in the contemporary world. Based on field research, interviews and bibliographic analysis between the reading of *Grande sertão: veredas*, it discusses how aging takes place in territories marginalized by the capital movement, rescuing by the memory of the interviewees the sertaneja historicity and its sociability as a form of resistance, collapse or adaptation to economic homogenization. As a result, particular ways of existence and perception of the sertão were presented, indulging the urgency of another treatment to the elderly by integrating them into the debates and projects that envision a more generous society with its elders.

**Keywords:** sertão; territorialization; modernization; aging; gender.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

## 1 Introdução

*A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.*

(ROSA, 1994, p. 132)

*Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado.*

(ROSA, 1994, p. 253-254)

A epígrafe que abre este texto integra as reflexões de Riobaldo, personagem central da epopeia *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. O romance, como é sabido, aborda o pacto do jagunço letrado com o Diabo para ascender socialmente, enquanto vive em um bando que trava batalhas no sertão contra inimigos e, em meio à aspereza do enredo, brota o dilema de um amor proibido entre ele e Diadorim. No entanto, o interesse aqui vai além. A ficção é narrada em primeira pessoa, sendo Riobaldo um ex-jagunço já velho, tornado fazendeiro nas barrancas da bacia sanfranciscana, a contar suas lembranças do passado a um suposto ouvinte.

A leitura deste clássico da Literatura Brasileira serviu de inspiração para a pesquisa desenvolvida entre 2015 e 2021, a qual buscava trabalhar a territorialização do capital no sertão do norte mineiro ou nos Gerais, particularmente na Serra do Cabral, a partir do garimpo de diamantes e da pecuária bovina extensiva, pertencentes a momentos econômicos que remontam ao período colonial e seguem até a segunda metade do século XX. Como as leituras nunca dão conta de abordar o tema sozinhas, bem como a farta documentação histórica carecia de acareação, palmilhar aquele sertão seria necessário e, junto a isso, apurar os ouvidos para conhecer as vivências de gerações que participaram das transformações pelas quais a Serra do Cabral passou.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

Um dos aprendizados foi o consenso de que modernizar qualquer território implica desistoricizá-lo para inseri-lo na engrenagem econômica capitalista. Se a produção do espaço é feita por pessoas, o conflito entre suas existências e a marcha modernizadora tendem a não apenas descartá-las quando não se apresentam produtivas, como também anular a sua historicidade. Se o novo é o alvo da valorização, o velho tende a ser rejeitado, visto que sob essa ótica já não rende o que é de interesse econômico. Enquanto os ambientes urbanos escancaram o dinamismo da modernização em grande velocidade, as zonas rurais distantes permitem entrever outras temporalidades e espacialidades no processo, mesmo que ainda submetidas à mesma lógica de valorização do valor. Ou seja, nas relações capitalistas, a valorização econômica é o fim em si mesmo, sem qualquer outro interesse que desvie o objetivo da produtividade, o que implica em segregar ou descartar tudo que não corresponde à objetividade econômica, gerando traumas, sofrimentos e apagamentos diversos, que se expressam como na mudez dos soldados que retornavam da guerra, conforme observou Walter Benjamin (1994).

Trilhar um pedaço de Minas Gerais requer levar a tiracolo questões sobre a conexão entre sertão e territorialização do capital, para além das mistificações poéticas atribuídas às leituras de João Guimarães Rosa. Tal premissa se constrói porque, considerando o sertão para além de uma ideologia geográfica inspiradora de projetos repostos de modernização dos interiores do Brasil, a territorialização historicamente mobiliza pessoas para a produção de mercadoria, as sujeitando à engenharia do valor. Para isso, ela impõe uma sociabilidade que traz convulsões diversas e ignora homens e mulheres a partir das transformações referentes às relações entre terra, trabalho e capital. Entre os desprezados, está uma grande parcela de pessoas idosas, alvos desta reflexão para o estudo de caso mencionado.

Assim, este texto reflete sobre o envelhecimento da população sertaneja em Francisco Dumont, município localizado na Serra do Cabral e núcleo base da investigação. As entrevistas, realizadas com homens e mulheres idosos ao longo das pesquisas de campo, apresentam narrativas importantes sobre a vivência e as percepções das mudanças territoriais, dando aos escutados o protagonismo testemunhal das metamorfoses sociais do Brasil.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

É importante salientar que, integrando o processo geral de aumento da expectativa de vida, as pessoas idosas no sertão de alguma forma também experimentam essa transição demográfica, proporcionada, entre outros motivos, pelo que Michel Foucault (2012) chama de biopolítica. Esta se refere às ações do Estado moderno e soberano de controlar e prolongar a vida da população como forma de garantir a reposição das relações de produção, valendo-se também de critérios biológicos<sup>2</sup>.

Dado que os trabalhos na pecuária e nas roças se enquadram nas atividades da zona rural, enquanto o garimpo transita entre os mundos do campo e da cidade, faz-se importante frisar que, atualmente, a maior fonte de receita em todos os municípios da Serra do Cabral vem da silvicultura. Esta, por sua vez, integra o momento em que o Estado centralizado adentra aquele sertão impondo projetos modernizadores alinhados às transformações fomentadas pela Revolução Verde, conhecida como um programa de progresso agropecuário com interesses econômicos e políticos afinados com as transnacionais, sem qualquer preocupação ambiental e social. Endossando essa realidade, a maioria dos entrevistados é atualmente aposentada como trabalhadora rural, seja homem ou mulher, ao mesmo tempo em que o garimpo se tornou atividade clandestina e rara, enquanto a criação de animais segue cada vez mais rendida aos recursos tecnológicos, quando não disputa território com outros setores do agronegócio.

O recorte de gênero é outra medida importante porque as mulheres apresentaram formas distintas de rememorar o passado. A divisão sexual do trabalho, alinhada às condições sociais de um momento histórico cravado na produção de um espaço em particular, permitem captar interpretações diferentes em relação às mudanças territoriais e individuais de cada um, o que se espera apresentar.

---

<sup>2</sup> Para Foucault (2012), a biopolítica como controle planejado do Estado moderno se inicia no Ocidente no século XVIII e envolve a noção de cidadania, isto é, o corpo social de cidadãos submetidos a leis e deveres e à centralidade de um governo que rege e cuida dessa população com objetivos econômicos. Na particularidade estudada, a noção de cidadania plena que também abrange direitos e amparo dos equipamentos estatais não foi encontrada ou estava precarizada.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

## 2 “O quem das coisas”: caminho metodológico

Conforme informado, a abordagem sobre envelhecer no sertão integra um estudo maior, atinente à territorialização do capital na Serra do Cabral, ao norte de Minas Gerais, dentro da área de Geografia Humana. O estudo de cinco anos envolveu dez trabalhos de campo, os quais continham análise documental (mapas, inventários *post-mortem*, fotografias e registro de terras de 1855), caminhadas pela Serra do Cabral – tanto nas áreas em que a vegetação original estivesse conservada, como também onde houve ocupação, seja ela remanescente das atividades de pecuária e garimpo, seja ainda nos latifúndios silvicultores modernos – e entrevistas com muitas pessoas, com destaque para os sertanejos acima de 60 anos de idade, identificados por apelidos ou nomes fictícios, em respeito à sua privacidade.

Os depoimentos não seguiram formulários ou qualquer outra formalidade. De porte de um gravador de voz, câmera fotográfica do aparelho celular e um caderno para anotações, as entrevistas foram registradas e tomaram a forma de uma conversa descontraída, na maioria das vezes nas casas dos entrevistados. Também foi possível caminhar por garimpos de diamante abandonados na presença de dois garimpeiros aposentados, além de vez ou outra ter um automóvel disponível, dado que os municípios e povoados da Serra do Cabral são dispersos e boa parte das estradas ainda é de terra e malconservada nas estações chuvosas.

Apesar da informalidade, perguntas básicas foram feitas igualmente a todos: nome completo, idade, local de nascimento, profissão, se era aposentado, se era migrante, qual o local de origem e o motivo do deslocamento, como aprendeu o ofício exercido ao longo da vida, origem dos pais e ocupação, as transformações marcantes na vida e na Serra do Cabral e como constituíram família. Depois de colhidas essas informações, a prosa tomava rumo diverso para cada um dos ouvidos.

Após essa etapa, tendo o suporte da revisão bibliográfica, do cotejamento da documentação histórica, da leitura ficcional de João Guimarães Rosa e da discussão teórica e crítica com o orientador da pesquisa e os grupos de estudos, todo o material foi analisado, na intenção de compreender as teorias que versam sobre o colapso da

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

modernização à luz da realidade periférica e de suas contradições. Com isso, uma tese de doutoramento em Geografia Humana foi produzida, priorizando o caráter qualitativo do conteúdo elaborado.

### 3 “Sertão é isto”: territorializando o campo

A territorialização do sertão envolve pessoas que ali nasceram ou chegaram, e, independentemente da origem, se reproduziram socialmente a partir de interações com o espaço e construíram subjetividades particulares. São histórias de vida que acompanharam as metamorfoses das forças produtivas e, como testemunhas desse processo, assim como a personagem de ficção Riobaldo, têm algo a dizer sobre o sertão a partir das memórias do vivido.

Quanto à localização do estudo, a Serra do Cabral se encontra no médio vale sanfranciscano, na margem direita do rio São Francisco, entre as bacias dos rios das Velhas e Jequitaiá. Inserida no complexo do Espinhaço, ela atua como divisor entre as bacias do São Francisco e a dos rios que correm diretamente para o Atlântico. Sua cobertura vegetal é de cerrado com manchas de caatinga e possui grande quantidade de nascentes e cursos d’água, uma verdadeira caixa d’água para o entorno e atraente para o garimpo de diamante, a pecuária extensiva, a agricultura de subsistência, a coleta de frutos do mato e a recente expansão do agronegócio.

Provida desses atributos naturais, ressalte-se que a Serra do Cabral é muito mais que uma elevação de quartzito erodida por veredas. Ela abriga uma dezena de municípios e povoados, todos com população escassa e, hoje, de maioria idosa. De acordo com o site do IBGE<sup>3</sup> Cidades (2019) para o Censo de 2010, o conjunto de municípios presentes na Serra abriga pouco mais de 92 mil habitantes, sendo eles Joaquim Felício (4.305), Várzea da Palma (38.329), Buenópolis (10.291), Francisco Dumont (4.867), Engenheiro Navarro (7.125), Jequitaiá (8.010), Lassance (6.490), Augusto de Lima (4.960) e Claro dos Poções (7.781), distribuídos entre as zonas rural e urbana. A região como um todo se apresenta

---

<sup>3</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

atualmente como emissora de jovens para cidades distantes, ficando quem não consegue ou não vê mais sentido em emigrar.

É consenso que a região é economicamente pobre e ainda sobrevive do trabalho direto com a terra. De acordo com os dados do IBGE acima referidos, só o município de Francisco Dumont, sede da pesquisa, teria pouco menos de 5 mil habitantes, estando apenas 540 pessoas ocupadas com o trabalho formal. Quase a metade da população sobrevive com meio salário-mínimo, e muitas pessoas dependem dos programas sociais do Governo Federal, como o Bolsa Família, e, principalmente, das aposentadorias por trabalho rural. Em 2015, boa parte da receita do município teve origem externa, o que indica que o cultivo de eucalipto pertencente às empresas de fora da região ainda é a grande fonte de renda. Porém, a maior parte da riqueza gerada por essas empresas de reflorestamento não fica no território onde ela é produzida, e o pouco que fica não é distribuído equitativamente. Dados muito semelhantes se repetem em outros municípios da Serra do Cabral, como Jequitaí, Joaquim Felício e Buenópolis.

A dependência da silvicultura tem sido a grande causa do êxodo da população mais jovem para as grandes cidades, dado que cada vez mais a produção é mecanizada, oferecendo poucos postos de trabalho, que são sazonais. A forma predatória e precária com que o cultivo de eucalipto e a produção das carvoeiras realizam a economia nos municípios da Serra do Cabral concentra as terras, altera o ciclo hidrológico, impede o acesso da população a determinadas áreas onde se pode coletar sempre-viva e outros frutos – que poderiam compor uma cadeia de produção sustentável local, integrando ganhos econômicos e conservação ambiental pela população local –, debilita e instabiliza as relações de trabalho, além dos riscos que os serviços oferecem, como contato direto com defensivos agrícolas, exposição a choque térmico nas carvoeiras, doenças e acidentes de trabalho relacionados ao corte e transporte da madeira etc. Sem maiores perspectivas de trabalho e com salários baixíssimos, a população economicamente ativa, se pode, migra para os centros urbanos. Quem fica, se submete a essas condições, protagonizando baixo consumo e pequena circulação econômica.

Não havendo fixação da riqueza gerada no território onde ela é produzida, os municípios da Serra do Cabral são alvo secundário de políticas públicas que priorizam



“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

condições dignas de vida, sobretudo para os que ficam, os velhos. Poucos são os equipamentos públicos voltados para essa faixa etária, que, à revelia da economia que torna os não produtivos supérfluos, insistem em sobreviver e dar testemunho das transformações territoriais, salvaguardando saberes menosprezados pelo movimento hegemônico e racional do capital. Entre os poucos serviços que atendem a esse grupo, foram mencionados nas entrevistas as aulas de ginástica ao ar livre promovidas pela prefeitura e o atendimento de fisioterapia do posto de saúde, que não restringe seu público às pessoas idosas locais.

As contradições internas do capitalismo se expressam mediante a formação e reformação incessantes das paisagens geográficas (HARVEY, 2006), entre elas, a sertaneja. Mas, como o seu dinamismo tem como característica naturalizar tudo, expropriando os lugares de sua própria história, é preciso garimpar nas experiências dos sobreviventes a historicidade, advertindo-se de antemão que eles, enquanto frutos de um mundo agonizante, também produzirão suas incongruências. Todo sujeito fala e pensa por meio de um vocabulário que domina a sua vivência – ou seja, as categorias da sua particularidade empírica –, expressando a sua experiência de mundo condicionada àquela realidade – isto é, a sua individualidade socialmente determinada.

Mencionar o testemunho das pessoas idosas a partir da memória importa porque é a sua vivência, hoje impelida ao retiro de seus aposentos, que contribui para se pensar a complexidade do Brasil dentro da totalidade. Resgatar a narrativa de pessoas que até meados do século passado estavam envolvidas em atividades remanescentes da territorialização colonial – quais sejam: faiscação de diamante (técnica artesanal, individual e rudimentar de garimpo), pecuária bovina extensiva, coleta de frutos e condicionados a existir como agregados nas fazendas – permite compreender as transformações pelas quais o sertão em foco tem passado a partir do momento em que o Estado centralizado e planejador adentrou suas chapadas e veredas, introduzindo outras relações entre os fatores de produção – que são terra, trabalho e capital – e alterando as formas até então vigentes de reprodução da vida.

O que se busca explicitar é que as velhices da Serra do Cabral são determinadas por movimentos além do seu local de vida, implicando assim uma precarização de suas

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

condições de existência imposta pelo movimento econômico do mundo. Conforme aponta Andreas Urban (2018), a velhice é um produto direto da modernidade produtora de mercadorias, que ao aumentar a expectativa de vida graças aos progressos científicos e sanitários, contraditoriamente pretere essa parcela da população conforme ela perde suas capacidades orgânicas ligadas à produtividade. Como o estudo preliminar teve como ponto basilar pensar o Brasil e seus sertões dentro da totalidade a partir do “sentido da colonização” (PRADO JÚNIOR, 2006), o que o coloca dentro da nova sociabilidade total da mercadoria, isso faz com que o país tenha que lidar com os problemas universais do capitalismo a partir da sua particularidade geográfica.

Cada depoimento permite identificar contradições que fazem parte do espaço em que essas pessoas estão inseridas e dar a elas a possibilidade de fazerem o seu registro é uma oportunidade de tratar de uma fração da sociedade não só invisibilizada, mas também integrante da primeira geração de pessoas idosas que experimentou uma velhice diferente da dos seus pais, transitando entre uma organização social comunitária mais restrita e a abertura compulsória do sertão pela marcha controversa do progresso.

#### 4 Contar e “fazer balancê”

Ao longo das pesquisas de campo, foram entrevistadas 30 pessoas, a maioria homens, prevalecendo os maiores de 70 anos, organizadas segundo a tabela 1.

Tabela 1 - Entrevistados de 2016 a 2021 com faixa etária e ocupação<sup>4</sup>

Entrevistados	60 - 69	70 - 79	80 - 89	90 - mais	Aposentado	Garimpo	Pecuária	Coleta	Lavrado	Serviços domésticos	Outros
Mulheres	3	2	2	4	10	-	1	2	5	2	1
Homens	7	3	6	7	22	14	3	13	3	-	2

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

<sup>4</sup> Entrevistados menores de 60 anos não foram contabilizados para esta tabela. Entre os garimpeiros, a maioria trabalhou em mais de um tipo de serviço, como a coleta de sempre-viva, sendo apurados novamente.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

A escolha desse perfil se deu porque essas pessoas vivenciaram as transformações econômicas pelas quais a região como um todo experimentou, transitando de relações de trabalho e organização social ainda baseadas em vínculos pessoais e informais, para a formalização e racionalidade da vida e do trabalho, conforme o Estado modernizador se insere na Serra do Cabral. No entanto, os depoimentos das mulheres foram reveladores por apontarem não apenas a condição de gênero em uma comunidade rural voltada à pecuária, coleta e garimpo, como também por fornecerem outros olhares em relação à vivência naquele território e às transformações sociais pelas quais passaram nos povoamentos da Serra do Cabral, em particular daquelas que não estavam supostamente inseridas na atividade produtiva, mas que representam a “economia do cuidado”, que é comumente invisibilizada e ignorada.

Os testemunhos masculinos têm em comum as atividades de garimpo de diamantes, pecuária e coleta das “drogas do sertão” do cerrado, como também, em boa parte, a raiz migrante deles ou de seus pais. De origem econômica pobre, entre os garimpeiros foi comum ouvir o desejo de não terem patrão, ao mesmo tempo em que eram expropriados, sendo relativamente dependentes de fornecedores de mantimentos (“meia-praça”) para os dias de trabalho com o posterior pagamento não apenas do que foi financiado previamente, como também a quitação de 30% do valor dos diamantes achados e vendidos para os donos das terras, que também tinham prioridade na compra das gemas.

Quanto aos vaqueiros, todos viveram boa parte de sua existência como agregados nas grandes fazendas de gado. Também expropriados, tinham acesso a um pequeno pedaço de terra para levantar uma casa precária e plantar mantimentos para a família, a serem divididos na meia com o patrão, ou seja, metade de tudo o que era produzido devia ser entregue ao dono da terra como forma de pagamento por estar na condição de ocupante, além, claro, do trabalho extra cuidando das posses do latifundiário.

De todos os homens entrevistados, apenas três, dois garimpeiros e um vaqueiro, conseguiram adquirir um pequeno sítio após a aposentadoria. Todos os outros,

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

aposentados pelo Funrural<sup>5</sup>, conseguiram no máximo uma casa simples pré-fabricada no perímetro urbano de Francisco Dumont, na parte periférica do município. No caso dos agregados, as casas foram doadas pelos patrões na década de 1990, quando as relações trabalhistas modernas e suas leis chegaram ao sertão. Os latifundiários, cientes da incapacidade de competição com os representantes do capital externo que aparecia, passaram a vender suas propriedades para a instalação de atividades ligadas ao agronegócio, diluindo o modelo de agregação.

Sobre o garimpo, um dos casos é o de Parceiro, 80 anos (2017). Após uma vida inteira faiscando diamantes e colhendo sempre-viva – flor utilizada na Segunda Guerra Mundial como incremento à pólvora, além de objeto de decoração pela sua capacidade de durar anos sem água –, conquistou um pequeno pedaço de terra às margens do Jequitáí só depois dos 70 anos de idade. “Lá, planto roça, crio galinha” (PARCEIRO, 2017. Informação verbal), passando dias a se esquecer do mundo quando deixa sua casa em Francisco Dumont para se retirar para a sua lavoura. Porém, ainda sobe a Serra para colher flores e garimpar cristal, produtos que vende a uma família comerciante desses artigos e a atravessadores. Realizar a coleta requer conhecer a mata por onde se embrenha, assim como saber extrair a flor sem arrancar a sua raiz.

Apesar de ter se aposentado como trabalhador rural, Parceiro trabalhou a vida inteira com garimpo e, nas épocas difíceis, colhia as flores nas veredas. Aquele foi o ofício que aprendeu com seu pai desde menino, quando sua família fugiu de Guanambi, Bahia, após o avô ter matado um homem. Arranchados em Francisco Dumont, ele e seus parentes se envolveram na faiscação junto à grande leva de migrantes que, assim como eles, bateavam na beira dos córregos.

A aposentadoria de um salário-mínimo lhe permite viver com simplicidade. A conquista de um pequeno pedaço de terra na velhice despertou em Parceiro a feição pela agricultura familiar, cultivando apenas para consumo seu e de seus filhos. O apego tardio à lavoura talvez reflita a expropriação de uma vida inteira, considerando-se o peso que

---

<sup>5</sup> Criado em 1963, o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural) é uma contribuição social rural de caráter previdenciário, paga pelo produtor rural, porém recolhida pela pessoa jurídica no momento da compra do produto, com base no valor bruto da comercialização.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

tem o acesso à terra nas zonas rurais, como também lhe fornece os víveres necessários para os dias em que passa no mato à procura de cristais. Antes de se tornar proprietário, como todo garimpeiro, Parceiro precisava de um fornecedor, configurando uma relação baseada na confiança interpessoal.

Cultivar a terra e se manter no garimpo e na coleta são, segundo Parceiro, formas de se manter ativo, bem como tocar violão nas horas vagas. Grande conhecedor do bioma cerrado, é a ele que recorre para tratar dos problemas de saúde. Porém, como testemunha das mudanças pelas quais o território tem passado desde a década de 1970, se queixa das dificuldades cada vez maiores em encontrar os remédios em uma flora drasticamente alterada pelos plantios de eucalipto. Ainda assim, se recusa a uma vida reclusa em casa, pois complementa a sua renda realizando o que faz há mais de 60 anos, mesmo que em ritmo lento.

As queixas de Parceiro fazem coro com as de outros entrevistados. Antes da década de 1970, quando a base econômica regional era a pecuária associada à coleta de sempre-viva e outros frutos do cerrado, com o garimpo de diamante já esporádico, as terras ainda não estavam todas cercadas. Mesmo já tendo dono, as áreas de chapada, de solo arenoso e de difícil acesso para a implantação de lavouras, estavam disponíveis com toda a riqueza da cobertura vegetal original e sua biodiversidade. Nelas se embrenhava gente para buscar lenha, ervas medicinais, materiais para artesanato, caça, garimpo, pasto natural para os despossuídos com suas reses e mesmo o lazer. Por gerações, as chapadas e veredas da Serra do Cabral renderam acesso livre aos sertanejos não apenas em busca de recursos para a sobrevivência, mas também integraram relações íntimas e simbólicas: as procissões que suplicavam por chuva eram acompanhadas de penitência pelas picadas na mata, por exemplo.

A chegada de agentes econômicos externos alinhados à implantação das agroindústrias começou cercando as terras e derrubando a mata com o correntão, um método para tombar a vegetação nativa que consiste em prender correntes a tratores. O livre acesso aos recursos naturais estava vedado a partir de então, só entrando nas propriedades os sertanejos registrados para o trabalho de silvicultura. As transformações na paisagem a tornaram irreconhecível para muitos que palmilhavam seus caminhos

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

sinuosos desde a infância, alterando também a relação com o meio: apesar de os entrevistados já virem de antepassados expropriados, ter o socorro do mato para colher flor para vender ou pequi sazonal para comer era uma alternativa à sobrevivência. Se antes a floresta era uma fonte de recursos econômicos, de cura e de alimentação, agora a precarização se fazia completa, pois com a cerca veio o capanga que vigia a suposta invasão.

Assim como Parceiro, Geraldinho Crente, 96 anos (2016, falecido em 2018), foi outro garimpeiro que, apesar da idade avançada e já aposentado, fazia questão de continuar resumindo cascalho em busca de diamantes. Nascido em Coração de Jesus e, segundo ele, filho de escravizados, deixou cedo o município porque “estava cansado de viver nu” (GERALDINHO, 2016. Informação verbal) em meio à miséria da família, que já existia na condição de agregada em grande fazenda de gado. Veio parar no município de Jequitaiá, quando o garimpo estava no auge.

Geraldinho Crente conseguiu criar os filhos e adquirir uma casa, onde, após a aposentadoria, apurava um caminhão de cascalho no quintal toda semana para se sentir ativo – um capricho atendido por seus filhos. Tendo sido chefe de garimpo, recebeu o apelido após se converter ao cristianismo para que não se deixasse levar pela bebida e pelas mulheres, algo comum entre garimpeiros, segundo ele. Apresentou uma casa simples, sem grande conforto, porém satisfeito diante das conquistas ao longo da vida.

Entre os nascidos na Serra do Cabral, está Neco, 79 anos (2017). Filho de garimpeiro, aprendeu com o pai a função e a ela se dedicou por toda a vida. Também conseguiu adquirir uma casa na periferia de Francisco Dumont, onde vive ainda hoje com a esposa, sem exercer o ofício desde a conquista da aposentadoria. Padecendo de hanseníase, suas mãos atrofiadas talvez sejam o grande empecilho para continuar bateando nos rios, o que não o impede de realizar as atividades da vida diária, como alimentar-se, cuidar da higiene pessoal, vestir-se, enfim, ter certa autonomia.

Neco conseguiu erguer uma casa de adobe que permanece conservada, o que é um orgulho para ele, porém não para os filhos e netos, que a consideram velha e antiquada. O assunto sobre a morada começou justamente pelo elogio feito à residência.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

Adquirir habitação e criar todos os filhos figuram entre as grandes honras de todos os entrevistados, denotando uma vida de dificuldades na juventude, porém superada na velhice em relação à sensação de ter provido a prole.

O orgulho de Neco em relação às conquistas, bem como o de todos os entrevistados, demonstra uma sociedade em que o trabalho, a produtividade, o desempenho, a atividade e a formação da família nuclear são os valores centrais na comunidade sertaneja, assim como tem sido no mundo. A ênfase nos depoimentos de uma vida dedicada a misteres árduos e de superação explicitam não apenas o quanto a sociedade do trabalho é valorizada, mas também pode dar margem a interpretações sobre essas pessoas hoje idosas terem de justificar um passado em que foram ativas e produtivas, como se a situação atual expusesse algum incômodo ou constrangimento inconsciente.

Enquanto Neco era entrevistado na sala, sua esposa fez questão de se retirar para a cozinha. Depois de ela ter dito que enquanto solteira também garimpou diamante, tentou-se incluí-la na conversa, mas o esforço foi em vão. Tal comportamento se repetiu depois com outra família entrevistada, o que chamou a atenção para a presença oculta das mulheres dentro do recorte de estudos. Diante do incômodo com esse comportamento, a pesquisa passou a se interessar pelo depoimento feminino, que também testemunhou as transformações na Serra do Cabral, experimentando envelhecer no sertão mineiro.

Entre as mulheres, a primeira entrevistada foi Maria Facão, 88 anos (2017, falecida em 2020). A pesquisa chegou a ela por meio de um de seus filhos, Celião (53 anos, 2017), garimpeiro de cristais. Para Maria, lembrar o passado era doloroso, pois “era sofrimento demais” (MARIA FACÃO, 2017. Informação verbal).

Se a história considerada vencedora é a da modernização e esta inclui a violência concreta e abstrata no seu processo, emudecer outras experiências integra os seus atos truculentos. Ao apresentar o livro *Memória e sociedade: lembrança de velho*, de Ecléa Bosi, Marilena Chauí afirma que a sociedade capitalista impede a lembrança, desarmando o velho ao mobilizar mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da



“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa (CHAUI, 1979). No caso de Maria Facção, o longo passado de sofrimentos parecia estimular a memória a sabotar as próprias lembranças, dificultando pronunciar o transcorrido em sua vida.

Casada com um vaqueiro valente e por isso herdeira do cognome Facção, Maria viveu a vida quase inteira com seu companheiro e constituiu família na condição de agregada dentro das terras de um dos maiores fazendeiros e coronéis da Serra do Cabral. Já viúva e sob o cuidado dos filhos, a senhora estava bastante debilitada, situação que se complicava ao se somar à vida precária em uma casa cedida pelo ex-patrão na periferia de Francisco Dumont. Sua velhice se resumia a viver dentro de casa, transitando com dificuldade pelo quintal, insinuando impedimentos em realizar com autonomia atividades da vida diária. Tendo uma bengala de apoio, Maria Facção se dispôs à conversa sentada em uma cadeira no quintal, onde estava tomando o sol da tarde. Sem enxergar nem ouvir bem, dependia do cuidado dos filhos, principalmente da filha, Nice (55 anos, 2019, falecida em 2021).

Como mulher e com o detalhe relevante de ser negra, a ela coube dividir com o marido o duro trabalho na fazenda, construindo cercas para o gado e trabalhando na lavoura para o dono. Assim, suas funções não se resumiam ao cuidado dos filhos e aos afazeres domésticos, sejam da sua casa, sejam da casa da fazenda. Resistente em dar maiores detalhes de seu passado, seus filhos complementavam suas memórias, como a violência do pai, o trabalho duro, a escassez de comida – Celião chegou a contar que a família só passou a comer proteína animal quando ele, ainda criança, aprendeu a pescar, pois a criação de gado jamais lhes proporcionava acesso a carne e leite – e o analfabetismo, que dificultava qualquer contestação de direitos. Toda uma vida de sofrimento marcou na saúde física as consequências, bem como uma suposta tentativa involuntária de esquecimento do passado. Muito provavelmente a viuvez tenha sido a tímida possibilidade de a pesquisa ter chegado a ela como sujeito de voz, mesmo que resistisse em contar sua trajetória<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Sobre memória de pessoas idosas, esquecimento e demência a partir de um passado de sofrimento, ver: GOLDFARB, Delia Catullo de. *Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências*. Orientador: Ana Maria Loffredo. 2004. 224 f. Tese (Doutorado em Psicologia da



“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

O analfabetismo é um ponto importante a salientar por ser um marcador de desigualdade social, problema que se estende à população idosa (BATISTA; LIMA, 2019). Se o mundo moderno é pautado pelo trabalho e este é cada vez mais marcado pela racionalidade e pela ciência, enquanto outras formas de conhecimento são desdenhadas, o acesso à educação formal é crucial para se alcançar postos de trabalho que proporcionem condições de vida mais inclusivas. A capacidade de leitura e escrita é uma porta de entrada para o mundo da autonomia, e manter parcela da população analfabeta é uma dura forma de controle social. O relato de Maria Facção e filhos é notório em relação a isso: sem acesso à alfabetização, não só não conseguiram trabalhos menos braçais, mantendo-se na vulnerabilidade social e econômica, como também não se sentiam instruídos o suficiente para lutar legalmente por direitos. Com isso, o mundo do letramento voltado para o trabalho abstrato descarta saberes locais que poderiam contribuir para um desenvolvimento social mais inclusivo, humano e sustentável, ao mesmo tempo em que reforça o empobrecimento econômico da pessoa idosa e de seus descendentes.

Quando a pesquisa teve a oportunidade de conversar com o vaqueiro Mané, 90 anos (2019), não se desperdiçou a presença de sua esposa, Vanja, 88 anos (2019; falecida em 2021). Ela já estava para se ausentar da sala, quando foi solicitado que acompanhasse o marido nas lembranças. Sobre o vaqueiro, Mané nasceu em Cuiabá, mas seus pais e avós eram da Serra do Cabral, para onde retornaram quando ele tinha nove anos de idade. Expropriados, seus antepassados já estavam mobilizados especialmente em busca de trabalho e, sem sucesso na capital matogrossense, seus pais se instalaram na condição de agregados na fazenda Santo Antônio, de volta à Serra.

Desde cedo, Mané aprendeu o ofício de vaqueiro, mas não se limitou a isso. Aprendeu carpintaria, trabalhou na lavoura de mantimentos e foi carreiro, mas foi a lida com os bois que lhe conferiu a maior experiência e o posto definitivo no latifúndio. Antes de se aposentar, foi morar na periferia de Francisco Dumont e, para complementar a renda na nova condição de morador de cidade, se aventurou no garimpo de diamantes e

---

Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

de cristal e na coleta de sempre-viva – dando ênfase às informações sobre a execução de mais de uma atividade econômica por pessoa, presentes na tabela 1. Com isso, conquistou no começo de sua velhice um pequeno pedaço de terra, onde ainda hoje planta o seu roçado e cria seus animais, enfatizando que a melhor coisa é não ter patrão.

Foi na juventude como vaqueiro agregado que conheceu Vanja. Vinda de uma família no povoado do Carrapato, na Serra do Cabral, sua orfandade em tenra idade a levou aos 12 anos como agregada na mesma fazenda em que Mané trabalhava, culminando em um casamento que durou 70 anos. Vanja trabalhou na lavoura e na produção artesanal de queijo e requeijão em troca de casa e comida, tendo que deixar os três anos de estudos realizados na comunidade batista. Ao se casar com Mané, o seguiu na condição de agregado em fazenda no mesmo povoado onde nasceu. Além de cumprir com a função de cuidado dos filhos, cozinhava para a casa sede, sem receber nada além de um rancho para morar. Só saiu da zona rural diante do desejo de dar aos filhos a oportunidade dos estudos, o que fez quando a família passou a residir em Francisco Dumont.

Morando no perímetro urbano e ainda sem ter um pedaço de terra para complementar os víveres, Vanja foi trabalhar nas novas fazendas reflorestadoras na década de 1970. Pela primeira vez na vida passou a ter carteira de trabalho assinada e a receber salário, sob a condição de passar a semana inteira nos alojamentos. Dadas as dificuldades da distância da família e já considerada mulher idosa, ao deixar o trabalho no cultivo de pinus e eucalipto foi empregada novamente como cozinheira de fazenda, conquistando a aposentadoria na década de 1990.

O trabalho assalariado e a aposentadoria eram uma novidade para essa geração de mulheres, que experimentaram certa autonomia ao lidarem com dinheiro em espécie pela primeira vez. Enquanto agregadas, elas e seus maridos não recebiam salário, mas vales para adquirirem nos armazéns e vendas autorizados pelos donos os alimentos e outros produtos não produzidos nas fazendas. Ao receberem provento, elas escolhiam o que consumir, priorizando filhos e netos, dado que são as mulheres que geralmente têm noção das necessidades da família, pois o cuidado foi historicamente delegado a elas. Em

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

uma sociedade patriarcal, ter o dinheiro em mãos lhes conferia relativa liberdade, algo não experimentado por suas antecessoras.

Quando perguntada sobre a dureza do trabalho, Vanja enfatizou: “Bendito seja Deus, que me deu força pra trabalhar! Nunca tive medo de trabalho” (VANJA, 2019. Informação verbal). Sua ética protestante valoriza o esforço próprio, insinuando que trabalhar é edificante, por mais sofrido que seja. Ela não negou as dificuldades que passou ao longo da vida, mas é importante cotejar suas memórias com as de Maria Facão para questionar até que ponto a questão racial intensificou as adversidades nesta, enquanto naquela não foram tão profundas a ponto de traumatizar ou inconscientemente sabotar a própria memória – o que não implica, de nenhuma maneira, que ambas não tenham seus traumas e também alegrias.

Ainda no exercício de comparação, os testemunhos masculinos enfatizam a liberdade de trânsito pela Serra do Cabral e sobre como passavam seu tempo livre, seja gastando o dinheiro com festas e prostituição, seja se aventurando ao levar o rebanho de um lugar para outro, o que confere certa nostalgia nas falas. No entanto, nos depoimentos femininos não se percebe saudade do passado. Isso reforça um balanço do vivido de formas diferentes, apesar de todos os ouvidos estarem circunscritos nos mesmos ambientes.

Os homens, mesmo já aposentados, continuam a realizar alguma atividade de lavoura quando têm acesso à terra – caso de Parceiro e Mané – ou mesmo integram os grupos que sazonalmente adentram a mata para a coleta de flores. Alguns ainda garimpam, e em todos esses casos os homens o fazem apenas como complemento de renda e para passar o tempo. Já as mulheres, mesmo aposentadas, permanecem realizando o trabalho de cuidado da família e do lar, porém veladamente obrigadas. Cozinham, lavam roupa, limpam a casa, organizam o quintal e cuidam dos netos, também provendo a família com suas pensões.

É evidente que para ambos os gêneros o acesso ao dinheiro é visto como emancipação financeira, porém, para os homens era algo maior: era doador de masculinidade. O período em que eram o pilar da família, com suas mulheres restritas aos

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

afazeres domésticos e excluídas do trato monetário, lhes dava a sensação de controle social, algo que passa a se perder quando suas companheiras começam a entrar no parco mercado de trabalho local ou ao terem direito à aposentadoria. Nota-se, então, uma certa ruptura quando da entrada da mulher (anciã) no rol do arrimo familiar, papel tão comum às senhoras idosas brasileiras. Embora pertencentes ao mesmo território, as mulheres percebem um passado menos idílico e também dão testemunho das transformações que a modernização encabeçada pelo Estado impele à Serra do Cabral. O acesso ao dinheiro pode ser considerado um saldo positivo, mas nem por isso impediu uma velhice precarizada.

Assim como Parceiro, para problemas de saúde simples, a maioria das pessoas idosas ouvidas ainda recorre aos remédios do mato como complemento ao que o posto de saúde local oferece. Alguns entrevistados apresentaram doença de Chagas – dado que passavam longos períodos em débeis alojamentos de adobe –, outros, câncer. A imensa maioria mencionou problemas cardíacos e nos ossos e articulações – estes em especial entre as mulheres – e problemas de visão e de audição. Quando são diagnosticados com doenças mais severas, a prefeitura dispõe de ambulância para levá-los até os hospitais públicos das cidades maiores, como Bocaiúva e Montes Claros, mas nem sempre os equipamentos dão conta. A distância dos grandes centros médicos coloca em risco o tratamento de urgência, além do alto custo do transporte particular. Durante a pesquisa, praticamente a metade dos entrevistados veio a óbito por alguma das doenças mencionadas, corroborando assim as principais causas de morte entre pessoas idosas brasileiras. A maioria foi velada em casa, outra característica marcante dos rituais fúnebres sertanejos na Serra do Cabral<sup>7</sup>.

Sobre as mudanças cotidianas, é consenso que apesar do acesso ao dinheiro e a bens de consumo, a violência chegou à zona rural e aos pequenos municípios da Serra do Cabral. O assalariamento e o processo de metropolização também alteraram certos valores sociais, algo que essas gerações mais velhas reprovam. A metropolização é

---

<sup>7</sup> Velar os sertanejos em casa vai na contramão dos valores ocidentais da sociedade contemporânea, que são de medo e repulsa à morte, além de higienistas, delegando o ato para ambientes impessoais e estranhos à trajetória da vida privada do defunto. Sobre isso, ver: ARIÈS, Phillipe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

sentida profundamente, dado que desnuda como as relações capitalistas introduzidas nas zonas rurais mimetizam a sociabilidade moderna dos grandes centros urbanos e suas particularidades, sobretudo pelo consumo. As pessoas idosas não só desaprovam o que consideram desapego ao trabalho ou preguiça – algumas não entendem que o que está em curso é na verdade a precarização das relações de trabalho, o que envolve o problema do desemprego estrutural –, como também a vaidade, a ganância, o individualismo, a competitividade e a violência entre os mais jovens, havendo uma clara distinção etária que pode dificultar o apoio e o suporte intergeracional.

Junto a isso, uma nostalgia em comum: as mudanças ambientais pelas quais a Serra do Cabral vem passando desde a entrada dos projetos modernizadores na década de 1970 têm tornado irreconhecíveis as paisagens naturais a que os mais velhos recorriam para buscar remédio, lenha, soltar suas reses, caçar ou se divertir. Mané é enfático: “Conheci essa Serra toda! Tinha muita lagoa, muito bicho. Hoje, secou, não conheço mais, o desmate mudou tudo” (MANÉ, 2019. Informação verbal). Sua percepção corrobora os impactos ambientais pelos quais a Serra do Cabral tem passado: a introdução da monocultura de pinus e eucalipto não só derrubou a mata sortida do cerrado, como também a demanda de água desses cultivos acabou por secar nascentes e assorear veredas. A paisagem monótona da silvicultura não só impede a passagem do sol aos estratos mais baixos da vegetação, como repele aves e outros animais no seu entorno, empobrecendo um panorama outrora conhecido.

Essa precarização do trabalho, somada à crescente concentração de terras e à mecanização do campo, tem impelido a população mais jovem a emigrar para as cidades maiores em busca de emprego. Quem fica são as pessoas idosas, tendo que envelhecer em municípios carentes de infraestrutura básica que lhes permita cuidar de problemas específicos da idade, sobretudo os relacionados à saúde. Por outro lado, contraditoriamente, conseguem conviver e se sociabilizar com os conterrâneos de sua geração, apesar do grande desprezo das políticas públicas e da geração mais jovem pelas suas experiências e conhecimentos locais. Um dos ambientes mais frequentados é a igreja, seja católica, seja protestante, o que torna as missas ou cultos um momento de sociabilidade, sobretudo quando a população se envolve nos preparativos para celebrar

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

alguma data religiosa, como as festas do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora da Conceição ou São Sebastião<sup>8</sup>.

A descartabilidade de corpos não mais produtivos se depara com a incongruência de que são essas pessoas idosas que ficam, aposentadas como trabalhadoras rurais, que conseguem movimentar a tímida economia local com o ganho assegurado que têm das pensões. Em outras palavras, além de arrimo familiar são também esteio econômico local, pois são fundamentais para a existência dessas cidades e vilarejos. Ainda assim, há grande urgência em dar sentido ao arcabouço de conhecimento popular local, sobretudo em uma região que vem agonizando com as tragédias ambientais recentes e necessita de ações que valorizem a memória e os saberes locais como alternativa ao colapso social sertanejo e além.

## 5 “Lembro, deslembro”: teorizando as escutas

A experiência de vida desses homens e mulheres foi fornecida pela narração do que passaram. Em *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, Walter Benjamin distingue a preferência pelo romance no lugar da narração dentro dos encadeamentos que levam as sociedades à modernização. Para ele, “Quem viaja, tem muito que contar” (BENJAMIN, 1994, p. 198), referindo-se à experiência de homens que partem para longe e voltam sortidos de histórias. “Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições”, ressalta (BENJAMIN, 1994, p. 198-199). No entanto, o filósofo nota que, apesar de terem viajado enormes distâncias entre as duas grandes guerras mundiais, os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, mas mais pobres de experiência comunicável. Para ele, isso se explica porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a estratégica pela guerra de trincheiras, a econômica pela inflação, a do corpo pela guerra de material e a ética pelos governantes.

---

<sup>8</sup> Há estudos, como o de SOUZA (2011) e o de BIGOSSO (2014), que mostram como a participação religiosa melhora a qualidade de vida das pessoas idosas porque com a convivência que esse tipo de ambiente proporciona, elas se sentem amparadas, protegidas e ativas socialmente, mantendo sua identidade social por meio da participação nas atividades comunitárias.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

Com isso, a narrativa, ligada à experiência, à oralidade e à coletividade, tem cedido lugar ao gênero que encontrou na burguesia ascendente os elementos favoráveis ao seu florescimento: o romance, concebido como produto do indivíduo isolado, anunciando “a profunda perplexidade de quem a vive” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Por isso, estudar o sertão cotejando as descobertas de campo com a narrativa de *Grande sertão: veredas* deu um sentido mais profundo à pesquisa, talvez porque a obra ficcional seja uma possível alegoria do Brasil. Um Brasil que se moderniza sem ter lugar para os arcaísmos brotados da concepção dualista de país, ou seja, o sertão, bárbaro e atrasado, deve ceder às imposições civilizacionais e progressistas da cidade. Na cidade mora a novidade e tudo que soa ancestral e velho deve ser aniquilado para que se construa o futuro. Um futuro, é bom lembrar, no qual não cabe o passado e só a força jovem tem permissão para se fazer presente.

Cruzando o lúdico e o experienciado, toda narração parte de uma memória, que condensa em si o tempo vivido e produz a sua história<sup>9</sup>. É sabido que a história oficial, apesar das revisões críticas da história social, enfatiza o lado vencedor, colonizador, dos donos do poder, ou mesmo o registro dos documentos, dado que estes são considerados provas materiais. Com isso, há um desdém a outros relatos, advindos da memória coletiva. Esta requer tempo: o tempo da memória é social, não apenas porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar, e lembrar, enquanto momento único e irreversível, é reconstruir a partir do hoje as experiências do passado, o que inclui ressignificar o que se viveu por meio da evocação da memória (BOSI, 1979, p. 11). O ex-jagunço Riobaldo reconhece as dificuldades de manusear as lembranças, assim como outras pessoas idosas que se teve a oportunidade de ouvir, como Maria Facão.

Esses sertanejos não voltaram de batalhas, como exemplifica Benjamin (1994) na passagem da modernidade em *O narrador*, aludindo à brutalidade da Primeira Guerra

---

<sup>9</sup> Apesar de a história se fundamentar sobre um saber universal aceitável, para a memória, a presença do passado no presente é fundamental para a legitimação de certos saberes ou hierarquizações e para articular as narrativas do passado vivido à percepção do presente pretendido. Tal discussão está aprofundada em *História e memória*, de Jacques Le Goff (LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013).



“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

Mundial. Porém, não deixaram de viver os sofrimentos da expropriação, bem como guardam consigo as narrativas de seus antepassados, transmitidas oralmente e no trabalho, cujos ofícios foram majoritariamente herdados. Em suas histórias, há memórias de territorialização, sem que assim a interpretem, pois de acordo com Karl Marx (2011), os homens fazem a sua própria história, mas não de livre e espontânea vontade, dado que não escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita. Estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. Com isso, consolida-se a premissa de que o conteúdo do narrado acumula a própria vivência e a vivência de quem veio antes, todos de alguma maneira presos a uma forma social.

No entanto, se para Benjamin o encanto de narrar é quebrado pela invasão das relações modernas na vida corrente, a contradição entre os ouvidos na Serra do Cabral parte da ideia de que esses sujeitos já eram crias do mundo moderno. Eles puderam narrar porque, apesar do sofrimento impetrado pela violência da moeda e justamente por isso já mobilizados para o trabalho, andaram por terras distantes, volveram o sertão, palmilharam a Serra e construíram mentalmente as paisagens dos lugares vividos, à revelia da marcha de apagamento de suas existências.

A maioria dos garimpeiros entrevistados, iludidos na autonomia de sua escolha, estava se movendo espacialmente em busca dos diamantes. A mobilidade é uma forma de deslocamento que desafia a lembrança, já que nada em algum lugar tende a permanecer no capitalismo. Ela é, portanto, espoliada dos sujeitos oprimidos economicamente, pois a sua condição desde a juventude é a mobilidade para o trabalho, seja espacial, seja social. Se a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, como retomá-la se a modernização é o tempo inteiro destrutiva? Daí o cuidado: a lembrança dos entrevistados pode ser traiçoeira – assim como o Estado, na sua forma contraditória de ser, o foi com a historicidade sertaneja.

Com isso, foi preciso ir ao sertão adotando a postura de Riobaldo – que nada sabe, mas que desconfia de muita coisa – e considerar que mesmo na absorção de discursos hegemônicos ou contraditórios é possível vasculhar na sobrevivência dos relatos as concepções de mundo. Tudo até certo ponto, porque no mundo de sujeitos sujeitos, existe uma grande dificuldade em se fazer a própria história. As condições herdadas



“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

encontradas nos campos denotam essa sujeição, com vias a reproduzir uma vida subordinada a relações sociais pautadas por diversas formas de tormento e brutalidade, cujos poderes lhes são alheios. Porém, na precariedade das vidas idosas sertanejas coexiste o contraste em insistir no senso de comunidade, na lida com a terra e com os saberes ancestrais na relação com o mato e, apesar do sofrimento passado, na valorização do próprio caminho traçado.

## 6 Considerações finais

Este estudo concebe o envelhecimento das pessoas idosas participantes da pesquisa como inserido na territorialização do capital na Serra do Cabral, que por sua vez integra uma totalidade social moderna pautada historicamente pela ética do trabalho. Segundo essa ética universal, quem não trabalha não deve comer, deixando as pessoas idosas sempre à beira de serem incluídas na categoria da “vida indigna de viver”, conforme aponta Andreas Urban (2018). Se a velhice é produto da modernidade produtora de mercadorias, não o é sem contradições: se a biopolítica tornou possível aumentar a expectativa de vida na sociedade industrial, por outro lado descarta os sujeitos que não estão mais flexibilizados para o trabalho. Essas contradições, visíveis nos centros econômicos, aparecem na particularidade das periferias do sistema.

As contradições também aparecem nas percepções do vivido em cada sujeito escutado. Em cinco anos de pesquisa e conversa, muitos dos entrevistados mais velhos apontaram várias melhorias na vida sertaneja em comparação ao seu mundo hoje. Até o fim dos anos 1960, a água para o banho e os afazeres domésticos era buscada nos córregos; até a década de 1970, a luz era a motor e funcionava até às 22 horas; até meados da mesma década, cabia às mulheres buscar lenha no mato; atendimento médico mais próximo com profissional, só indo a cavalo até Granjas Reunidas, então fazenda dos Matarazzo, em um dia inteiro de cavalgada. Essas dificuldades foram superadas com o acesso aos serviços e bens, proporcionando certo conforto e praticidade cotidianos. Porém, a rusticidade da vida no passado se encontrava com a abundância da natureza e os laços de solidariedade, apesar do sofrimento e da violência concomitantes àquela

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

organização social. Para alguns, a tranquilidade não existe mais, nem mesmo a paisagem que guardaram da Serra, espaço de lazer e fonte de recursos para sobreviver.

Com os tempos de outrora romantizados por alguns, sobretudo através das falas das figuras masculinas, ou condenados devido ao não retorno para reparar a dor vivida, como na voz das mulheres, os sertanejos ouvidos têm seus rostos voltados para o passado, para onde não querem ou não podem voltar, até porque são impelidos para o futuro. O problema é sobre quais condições esse futuro se projeta.

Na ficção roseana, o velho barranqueiro Riobaldo está voltado para o seu passado, num vaivém mental cheio de incongruências melancólicas e poéticas. Ao mesmo tempo em que o ex-jagunço rememora pedaços perdidos e dolorosos do que viveu, afirma que saudade é uma forma de velhice. Ora, só é possível sentir saudade pela lembrança de algo bom que se passou. Os sertanejos encontrados nos campos existem cientes das agruras atravessadas, mas também de certa maneira satisfeitos por superarem as adversidades de uma vida de privações e lá estarem como testemunhas de um mundo, apesar do desprezo que a modernidade lhes dispõe. Também com Riobaldo se descobre que se tenta acabar com o sertão, mas ele prossegue. Não seria assim com os velhos sertanejos, que nas palavras euclidianas, seriam – e permanecem sendo – um forte?

Se a conclusão do ex-jagunço é que o Diabo não existe, mas apenas o homem humano, cabe à sociedade contemporânea, feita por pessoas ainda providas de alguma sensibilidade, ressignificar o envelhecimento para além do lugar trágico que a totalidade da mercadoria lhe coloca, investindo nele a dignidade e a humanidade merecidas que ainda não foram entregues. No sertão, onde as pessoas idosas interagem com a vegetação velha do cerrado de forma imediata e orgânica, há uma urgência na tomada de outros caminhos que não permaneçam desprezando essa parcela da população ou a integrando precariamente pelas margens. As alternativas de resgate do mundo em colapso carecem da sabedoria de quem viveu o sertão e se sentia uma extensão daquele universo, pois é só se reconhecendo como parte do todo e como agente permanente de sua existência que a vida faz sentido, bem como tornar possível um outro devir.

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral, Minas Gerais

Suelen Rosa Pelissaro

## Referências

- BATISTA, Eraldo; LIMA, Rosilda. “Se eu tivesse estudo eu não tinha sofrido tanto”: saberes e memórias de idosos analfabetos. *Revista Educação e Emancipação*, São Luís, v. 12, n. 2, p. 119-144, maio/ago. 2019.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BIGOSSI, Fabiela. Envelhecimento e religiosidade: a sociabilidade construída através da fé. *Revista Nures*, São Paulo, Ano X, n. 27, p. 1-7, maio/ago. 2014.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Taq, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2006.
- MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- SOUZA, Thaís Batoni Gonçalves de. *Religiosidade e envelhecimento: panorama religioso dos idosos do município de São Paulo – Estudo SABE*. Orientador: Yeda Duarte. 2011. 102 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- URBAN, Andreas. Velhice (envelhecimento) e dissociação-valor: linhas gerais para uma teoria crítica da velhice e do envelhecimento na sociedade produtora de mercadorias. *O Beco*, Lisboa, abr. 2018. Disponível em: [http://www.obeco-online.org/andreas\\_urban1.pdf](http://www.obeco-online.org/andreas_urban1.pdf). Acesso em: 12 jun. 2021.

## Fontes de fomento

Pesquisa de doutorado realizada com bolsa de fomento da Capes (2018-2021).

“Sertão velho de idades”: percepções sobre o envelhecimento da população sertaneja na Serra do Cabral,  
Minas Gerais

*Suelen Rosa Pelissaro*

Recebido em: 24/08/2022

Aprovado em: 10/02/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

PerCursos

Volume 24 - Ano 2023

[revistapercursos.faed@udesc.br](mailto:revistapercursos.faed@udesc.br)